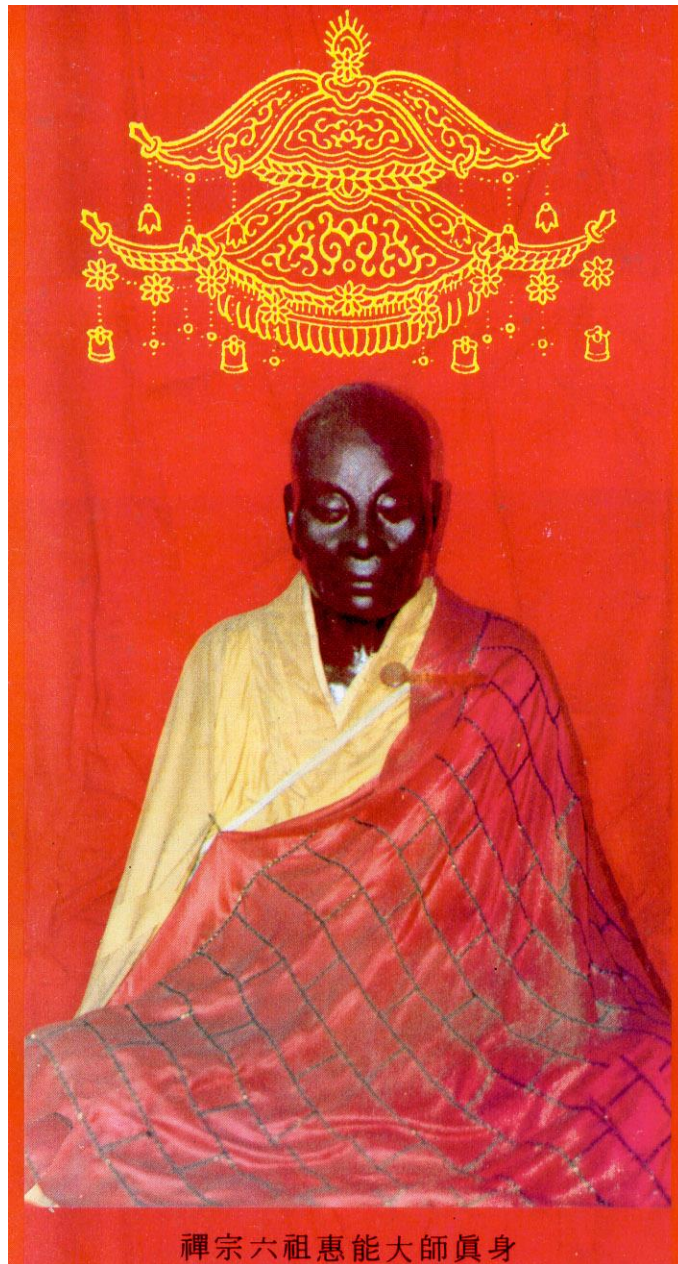


O Sutra do 6º Patriarca Hui neng NO ALTO ASSENTO “DO TESOUREIRO DO DHARMA”



(Traduzido ao Inglês por Wong Mou-Lam e revisada por Christmas Humphreys e A.F.Price)

Traduzido ao Português por Cláudio Miklos
(tendo como base de referência o original em chinês – apenas para consultas limitadas - e sua referida versão em Inglês)

O Sutra do 6º Patriarca Hui neng NO ALTO ASSENTO “DO TESOURO DO DHARMA”

Introdução

Capítulo 1. Autobiografia

Capítulo 2. Sobre Prajna

Capítulo 3. Dúvidas e Questionamentos

Capítulo 4. Samadhi e Prajna

Capítulo 5. Dhyana

Capítulo 6. Sobre a Contrição

Capítulo 7. Transformações e Afinidades

Capítulo 8. A Escola Súbita e a Escola Gradual

Capítulo 9. Patronato real

Capítulo 10. As Instruções Finais

Apêndice por Ling to, o Guardião do Stupa

Introdução

Este presente trabalho de tradução foi realizado com o intuito de oferecer aos praticantes de língua portuguesa um texto importantíssimo para a tradição Budista Ch'an (Zen) em particular, e Budista em geral. O **Sutra do Sexto Patriarca no Alto Assento do Tesouro do Dharma** (*Catálogo Nanjio número 1525*) - comumente chamado de Sutra da Plataforma - é um documento maravilhoso da essência do pensamento Zen, a partir da ótica tradicional e hierárquica chinesa, justamente em seus primórdios.

Tal peça literária se compõe de uma coletânea de sermões e palestras proferidas por Wei Lang (638-713 d.C., mais conhecido como Hui Neng), o mais famoso Mestre Dhyana (Ch'an; Zen) da Dinastia Tang, o Sexto Patriarca Chinês da linha sucessória iniciada naquele país por Bodhidharma, por sua vez pertencente ao grupo de grandes Arahants (patriarcas) que remontam ao próprio Gautama Buddha. Hui Neng foi indubitavelmente a pedra fundamental do engrandecimento e da sustentação plena do Budismo Ch'an no cenário cultural budista, sendo desde então respeitada como uma escola definida, de profunda filosofia prática e interpretativa, e de uma originalidade argumentativa tão grande que até hoje milhões de praticantes amadurecem em consciência e sabedoria através de seus ensinamentos e orientações.

Único texto de língua chinesa a possuir o título de "Sutra", designação que normalmente é dada apenas aos sermões do próprio Buddha e dos grandes Bodhisattvas, nós podemos, portanto, dar ao *Sutra de Hui neng* a importância e atenção que ele merece. E com certeza esta atenção dispensada será muito valiosa. O *Sutra de Hui Neng* é um documento surpreendente em sua natureza filosófica; nele podemos encontrar os maiores méritos éticos do Budismo, colocados com a conhecida pertinência algo jocosa, algo paradoxal Zen, além de podermos discernir claramente o quanto a prática dos ensinamentos de Buddha dependem de uma visão libertária, compassiva, desprendida e natural da mente. Essa é a posição Zen acerca da melhor abordagem que o praticante deve fazer ao Dharma. Hui Neng soube traduzir este espírito de uma forma completa e ampla, sem jamais sucumbir ao exagero argumentativo. O Sutra é igualmente um compêndio interessante sobre os termos básicos da experiência de Esclarecimento segundo a ótica prática do Dhyana, e um libelo à prática natural, fluida, sem imposições de nenhum tipo, sejam intelectuais ou dogmáticas.

O espírito do Zen se sustenta, segundo a tradição, a partir de um relato contido em um Sutra de Buddha onde este, ao ser questionado sobre qual seria o segredo fundamental de seus ensinamentos, ergueu uma flor dourada em uma de suas mãos e, apenas com um leve sorriso, a girou em silêncio. Todos ficaram surpresos exceto o venerável Maha Kassapa o qual, captando o significado do ensinamento, sorriu de volta ao Buddha. Compreendendo que o significado fundamental do Dharma está além das palavras, Maha Kassapa posteriormente foi aquele que sucedeu o Buddha quando este entrou em Parinirvana. Seguindo à risca este significado, a escola Zen desenvolveu-se na China como um movimento espiritual associado à busca da liberdade da mente, de seu sentido original, fora da linguagem e de intelectualismos, ainda que tais conceitos sejam ponto de discordância principalmente para aqueles pensadores modernos que optam por considerar tais afirmações sob uma ótica puramente racional, sem levar em conta outros aspectos (e potencialidades) da psicologia e percepção humanas.

Diante de tais referências, creio que fica ainda mais claro o valor que este Sutra possui para aqueles que sinceramente estão interessados na prática e no estudo do Dharma em sua mais profunda significância e sentido. Mesmo para os praticantes de outras escolas, penso que o Sutra de Hui Neng será de grande utilidade e pertinência, principalmente se considerarmos que aquilo que é ensinado pelo Mestre Ch'an Hui Neng não vai absolutamente de encontro a nenhuma outra tradição, muito ao contrário, segue plenamente os reais ensinamentos de Shakyamuni Buddha.

Finalmente, gostaria de dar algumas pequenas explicações sobre o meu trabalho de tradução. Evidentemente, um documento tão importante deveria ter como tradutor principal alguém com maiores qualificações acadêmicas. Infelizmente, eu não as possuo; a meu favor tenho apenas o fato de ser um praticante e estudioso Zen Budista leigo há 22 anos, atualmente ligado a escola Zen Vietnamita de Thich Nhat Hanh. Também sou orientador de grupos de prática budista informal e palestrante, escritor de ensaios budistas e filosóficos, assim como tradutor de textos e sutras, sempre em caráter informal. Meu empenho em traduzir este texto surgiu há dois anos, mas outros afazeres e uma certa dose de cautela atrasaram em muito o término do trabalho.

O texto que usei foi a conhecida tradução do Sutra ao Inglês feita por Wong Mou-lam em 1930, revisada por Christmas Humphreys em 1952 e publicada por H.K. BUDDHIST BOOK DISTRIBUTOR PRESS. Usei também uma versão revisada por A . F. Price, encontrada por mim em uma de minhas pesquisas na Internet.

Admito que é sempre lamentável termos de lidar com a tradução de uma tradução. No caso da escrita chinesa, isso é ainda mais perigoso, pois equívocos sérios podem ocorrer. Na verdade, o próprio Wong Mou-lam admitiu que sua tradução ao Inglês também corre os mesmos riscos. Embora eu não seja absolutamente um sinólogo ou sequer possa me considerar um grande virtuoso na língua chinesa, meu interesse por ela já vem de muitos anos, assim como pela língua sânscrita. Portanto, ao longo desta tradução do texto em Inglês, tive ao meu lado o original em chinês e procurei observar cuidadosamente algumas cautelas ao transcrever os conceitos e termos. Alguns comentários feitos entre colchetes são de minha autoria.

O eminente Wong Mou-lam optou por traduzir alguns termos filosóficos diretamente para o Sânscrito, assim, mesmo que no original vejamos estes termos escritos em chinês, em ambas as traduções (a inglesa e a portuguesa) foram usados os nomes originais em sânscrito, tais como: **Prajna** para o chinês **Hui**, **Samadhi** para o chinês **Ting**, etc. Isso além de facilitar a compreensão daqueles já acostumados com a nomenclatura sânscrita (mais conhecida do que a chinesa), também evita o problema não pequeno de pequenas discrepâncias gráficas na latinização dos ideogramas chineses.

Deste modo, penso que esta tradução não será considerada extremamente distante do sentido original. Espero que meus leitores mais eruditos sejam compreensivos e pacientes com minhas limitações na qualidade de tradutor, e compreendam que, apesar de minha pretensão tenha sido talvez muito grande, meu apreço pela sabedoria budista e sua divulgação foram mais fortes do que minha modéstia.

Gostaria de agradecer finalmente aqueles que me incentivaram nesta empreitada, sobretudo por sua justa compreensão das dificuldades em se realizar um trabalho como este dentro dos ditames da Palavra Correta, Correto Discernimento e da Correta Atenção, que procurei sempre praticar ao longo destes dois anos de lenta tradução.

Meus mais profundos respeitos a Hildeth Farias, coordenadora do Centro Lótus de Estudos Budistas, que me presenteou com o texto original do Sutra, ao meu amigo Flávio Capllonch por seu entusiástico incentivo, a Ricardo Sasaki, coordenador do Centro Nalanda de Minas Gerais – ele mesmo um grande tradutor e editor de importantes textos Theravada e Budistas em geral, e ao venerável Lama Padma Samten, grande nome do Budismo Brasileiro e coordenador do Instituto Caminho do Meio e do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, por seus singelos e carinhosos elogios ao longo destes últimos meses, quando enviei o texto traduzido via Internet para alguns interessados.

Que todos possam usufruir dos méritos destes ensinamentos, e que graças a eles a Paz, a Harmonia e o Correto Discernimento possam ser um pouco mais praticados e difundidos no mundo.

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 2001

Tam Hao Van
(Claudio Miklos)

**Sarve Bhavantu Mangalam – Que Todos os Seres Sejam Felizes
Pratique a Paz**

Capítulo I. Autobiografia

Certa vez quando o Patriarca estava no Monastério Pao Lam, o Magistrado Wei e outros oficiais foram até lá para solicitar-lhe fazer palestras públicas sobre o Budismo no salão do templo Tai Fan na cidade (de Cantão).

No devido tempo estavam reunidos (no salão de palestras) o Prefeito, oficiais do governo e eruditos confucianos, cerca de 30 cada, e Bhikkhus, Bhikkhunis, Taoístas e leigos, em um número de cerca de 1000 pessoas. Depois do Patriarca tomar seu assento, a congregação em um só corpo prestou-lhe homenagem e solicitou-lhe pregar sobre as fundamentais leis do Budismo. Após o quê, Sua Santidade proferiu as seguintes palavras:

Virtuosa Audiência, nossa Essência da Mente (literalmente, natureza interna) que é a semente ou pérola da Iluminação (Boddhi), é pura por natureza, e por fazer o uso apenas desta mente nós podemos atingir diretamente o estado búddhico. Agora me permitam dizer algo sobre minha própria vida e como cheguei a tomar posse do ensinamento místico da Escola Dhyana (o Zen).

Meu pai, um nativo de Fan Yang, foi despedido de seu posto oficial e banido para a classe baixa em Sun Chow em Kwangtung. Para meu infortúnio meu pai morreu quando eu era muito jovem, deixando minha mãe pobre e miserável. Nos mudamos para Kwang Chow (Cantão) e vivíamos então em circunstâncias muito ruins.

Eu vendia lenha no mercado certo dia, quando um dos meus fregueses comprou uma quantidade para ser levada em sua loja. Após se discutir o modo e o montante do pagamento, eu deixei a loja, fora da qual encontrei um homem recitando um Sutra. Tão logo eu ouvi o texto deste Sutra minha mente tornou-se iluminada imediatamente. Então eu perguntei ao homem qual o nome do livro que ele estava recitando e me foi dito que aquele era o Sutra do Diamante (Vajracchedika ou O Lapidador do Diamante). Posteriormente inquiri de onde ele tinha vindo e por que recitava este Sutra em particular. Ele respondeu que veio do Monastério Tung Tsan no Distrito Wong Mui de Kee Chow; que o abade responsável por esse templo era Hwang Yan, o Quinto Patriarca; que havia cerca de 1000 discípulos sob sua responsabilidade; e que quando ele ia até lá prestar homenagem ao Patriarca, ele assistia palestras sobre este Sutra. Ele também me disse que Sua Santidade costumava encorajar tanto os leigos como os monges a recitar esta escritura, pois fazendo desta forma eles poderiam atingir a sua própria Essência da Mente, e assim a alcançar diretamente o estado búddhico.

Eu devo ter adquirido méritos por meu bom Karma em vidas passadas por ter tido a oportunidade de ouvir tais coisas, então eu dei dez coroas para o sustento de minha mãe a um homem que por sua vez me aconselhou a ir para Wong Mui me entrevistar com o Quinto Patriarca. Após os arranjos terem sido feitos por ela, parti para um Wong Mui, o que me tomou menos de trinta dias de viagem.

Eu então fui prestar homenagem ao Patriarca, e fui questionado de onde tinha vindo e o que esperava conseguir. Eu respondi, "Sou um pobre de Sun Chow em Kwangtung. Eu viajei tão longe para vos prestar respeito e para questionar-vos sobre nada menos do que o estado búddhico."

"Tu és nativo de Kwangtung, um bárbaro? Como tu podes esperar se tornar um Buddha?" Questionou o Patriarca. Eu respondi, "Embora hajam homens do norte e homens do sul, norte e sul não fazem diferença para as suas Natureza Búddhicas. Um bárbaro é diferente de Vossa Santidade fisicamente, mas não há diferença em nossa Natureza Búddhica."

Ele estava a ponto de falar mais, mas a presença dos outros discípulos o fez parar abruptamente. Então ele ordenou-me fazer parte do grupo de trabalho.

"Me permita ainda dizer a Vossa Santidade," disse eu, "Que Prajna (Sabedoria Transcendental) freqüentemente surge em minha mente. Quando alguém não está desviado de

sua própria Essência da Mente, esta pessoa pode ser chamada 'campo de méritos.' Eu posso agora saber qual trabalho Vossa Santidade me solicita a fazer?"

"Este bárbaro é muito brilhante," ele exclamou. "Vá para o estábulo e não fales mais." Eu então me retirei para os fundos e foi mandado por um irmão leigo para cortar lenha e triturar arroz.

Mais de oito meses depois, o Patriarca me viu um dia e disse, "Sei de teu conhecimento do Budismo é muito profundo; mais precisei refrear meu desejo de falar-te, pois maus elementos poderiam te prejudicar. Tu entendes?"

"Sim, senhor, eu entendo," eu respondi. "Para evitar que as pessoas percebam minha presença, não ousei me aproximar de vosso salão."

O Patriarca um dia reuniu todos os seus discípulos e lhes disse, "A questão do renascimento incessante é extremamente momentosa. Dia após dia, em vez de tentar libertar a vós mesmos deste amargo oceano de vida e morte vós buscais apenas a sedução dos méritos (isto é, méritos que irão causar renascimento). Todavia méritos não serão de nenhuma ajuda se vossa Essência da Mente estiver obscurecida. Vão e procurem por Prajna (Sabedoria) em vossas próprias mentes e então me escrevam um verso (Ghata) sobre isso. Aquele que entender o que a Essência da Mente significa, será possuidor do manto (a insígnia do Patriarcado) e do Dharma (isto é o ensinamento místico da escola Dhyana), e eu lhe farei o Sexto Patriarca. Partam imediatamente. Não demorem em escrever este verso, uma vez que deliberações são extremamente desnecessárias e completamente inúteis. O homem que possui realizada a Essência da Mente pode falar sobre ela imediatamente tão logo seja questionado sobre isso; e não pode perdê-la de". vista, mesmo quando empenhado em uma luta."

Tendo recebido esta instrução, os discípulos partiram e disseram uns para os outros, "É inútil nós nos concentrarmos para escrever o verso e submetê-lo à Sua Santidade, uma vez que o Patriarcado está prestes a ser ganho por Shin Shau, nosso instrutor. E se escrevemos perfunctoriamente, isso seria apenas uma perda de energia."

Após falarem assim, todos eles tomaram a decisão de não escrever e disseram, "Porque nós deveremos nos arriscar? De agora em diante deveremos simplesmente seguir o nosso instrutor, Shin Shau, para onde ele for, e buscar a sua orientação."

Enquanto isso, Shin Shau raciocinava desta forma consigo mesmo: "Considerando que eu sou seu professor, nenhum deles irá tomar parte nesta competição. Eu imagino se devo escrever o verso e submetê-lo a Sua Santidade. Se não o fizer, como pode o Patriarca saber quão profundo ou quão superficial é o meu conhecimento? Se minha meta é alcançar o Dharma, o meu motivo será puro. Se eu estiver ambicionando o Patriarcado, então isto seria muito mal. Neste caso, a minha mente não passaria de uma mente mundana e a minha ação equivaleria a roubar o sagrado assento do Patriarca. Mais se eu não submeter o verso, jamais terei uma chance de atingir o Dharma. Uma questão muito difícil de decidir, na verdade!"

Na frente do Salão dos Patriarcas havia três corredores, cujos muros deveriam ser pintados por um artista da Corte, chamado Lo Chun, com pinturas retratando o Lankavatara (Sutra) descrevendo a transfiguração da Assembléia, e com cenas mostrando a genealogia dos Quatro Patriarcas para informação e veneração do público.

Quando Shin Shau compôs seu verso, fez várias tentativas de mostrá-lo ao Patriarca; mais tão logo ele se aproximava do salão a sua mente ficava tão perturbada que ele suava copiosamente. Ele não conseguia criar coragem para mostrá-lo, embora ao longo de quatro dias ele fizesse no total 13 tentativas de fazê-lo.

Então sugeriu para si mesmo, "Seria melhor para mim escrevê-lo no muro do corredor e deixar o Patriarca ver por si mesmo. Se ele aprovar, eu surgirei e lhe farei homenagem, e direi que foi feito por mim; mas se ele desaprovar, então terei perdido muitos anos nesta

montanha recebendo de outras homenagens as quais eu não mereci de forma nenhuma! Neste caso, que progresso eu terei feito em estudar o Budismo?"

À meia-noite daquele dia ele foi secretamente com uma lanterna e escreveu um verso num muro do corredor sul, de forma que o Patriarca pudesse conhecer qual o nível de discernimento espiritual ele tinha alcançado. O verso dizia:

Nosso corpo é a árvore Bodhi,
E nossa mente um espelho brilhante.
Cuidadosamente nós devemos limpá-lo hora após hora,
Para não deixar nenhum pó se acumular .

Tão logo ele escreveu partiu imediatamente para o seu quarto; assim ninguém soube o que tinha feito. Em seus aposentos novamente ponderou:

"Quando o Patriarca ver meus versos amanhã e ficar bem impressionado com eles, então estarei pronto para o Dharma; mais se ele disser que são versos ruins, isso irá significar que sou inadequado para o Dharma, devido aos deméritos de prévias vidas que fortemente obscureceram minha mente. É difícil saber o que o Patriarca irá dizer sobre tudo isso!" Desta forma ele ficou se preocupando e pensando até o amanhecer, e não pôde nem dormir nem ficar à vontade.

Mais o Patriarca já sabia que Shin Shau não tinha entrado no Portal do Esclarecimento, e que ele não conhecia a Essência da Mente.

De manhã convocou o senhor Lo, o artista da Corte, e foi com ele para o corredor sul de modo que os muros lá fossem pintados com as imagens. Por acaso, ele viu os versos. "Peço-lhe desculpas por ter incomodado chamando-o de tão longe," ele disse para o artista. "Os muros não precisam ser pintados agora, como o Sutra diz, 'todas as formas ou fenômenos são transitórios e ilusórios.' Será melhor deixar os versos aqui, de forma que as pessoas possam estudá-los e recitá-los. Se eles colocarem este ensinamento realmente em prática, irão ser salvos da miséria de nascer naqueles reinos negativos de existência (Gatis). O mérito ganhado por aquele que praticar tal coisa será realmente grande!"

Ele então ordenou que Fragrância fosse aceso, e que todos os seus discípulos prestassem homenagem aos versos e os recitassem, de forma que eles pudessem alcançar a Essência da Mente. Após eles terem recitado, todos exclamaram, "Muito Bem Dito!" (Sadhu).

À meia-noite, o Patriarca pediu que Shin Shau viesse ao seu salão, e lhe perguntou se os versos tinham sido escritos por ele ou não. "Assim foi, Senhor," replicou Shin Shau. "Eu nunca ousaria ser tão fútil a ponto de esperar atingir o Patriarcado, mas gostaria que Vossa Santidade gentilmente pudesse me dizer se meus versos mostram ao menos um grão de sabedoria."

"Teus versos," disse o Patriarca, "Mostram que tu não foste capaz ainda de realizar a Essência da Mente. Até então tu alcançaste o 'Portal do Esclarecimento', mas ainda não foste capaz de penetrar nele. Buscar a Suprema Iluminação com um tal nível de entendimento como o teu será uma empresa que dificilmente terá sucesso."

"Para atingir a Suprema Iluminação, a pessoa deve ser hábil em conhecer espontaneamente sua própria natureza ou a Essência da Mente, que não é nem criada nem aniquilada. De Ksana a Ksana (Sensações Momentâneas), a pessoa deve ser capaz de realizar a Essência da Mente todo o tempo. Todas coisas irão então estar livres de restrição (isto é, serão emancipadas). Uma vez que o Tathata ('o Estado de Ser o que É', outro nome para a Essência da Mente) venha a ser conhecido, a pessoa estará livre da delusão para sempre; e em todas as circunstâncias, sua mente estará num estado de 'Assim Ser' Plenitude. Tal estado da mente é absolutamente verdadeiro. Se puderes ver as coisas com tal estrutura mental, terás conhecido a Essência da Mente, que é a Suprema Iluminação."

"Será melhor retornares e pensar novamente por um par de dias, e então submeter a mim novos versos. Se teus versos mostrarem que entraste no Portal do Esclarecimento, transmitirei a ti o Manto e o Dharma."

Shin Shau fez reverência ao Patriarca e partiu. Por vários dias, ele tentou em vão escrever outro verso. Isto perturbou sua mente tanto que ficou num estado como se estivesse em um pesadelo, e não pode encontrar conforto nem no sentar, nem no caminhar.

Dois dias depois, aconteceu que um menino passou pelo quarto onde eu estava joeirando arroz recitando sonoramente o verso escrito por Shin Shau. Tão logo eu o ouvi, sabia imediatamente que o autor não tinha ainda alcançado a Essência da Mente. Pois embora eu ainda não tivesse aprendido naquela época, já tinha uma idéia geral sobre isso.

"Que verso é este?" Perguntei ao menino.

"Bárbaro," ele replicou, "não conhece esse verso? O Patriarca disse para seus discípulos que a questão do renascimento incessante era extremamente importante, e aqueles que desejassem herdar seu manto e o Dharma deveriam escrever-lhe um verso, e que aquele que tivesse uma compreensão da Essência da Mente seria chamado o Sexto Patriarca. O velho Shin Shau escreveu estes versos 'Sem forma' no muro do corredor sul e o Patriarca nos disse para recitá-los. Ele também disse que aquele que colocar este ensinamento em prática iria alcançar grande mérito, e será salvo da miséria de nascer em reinos inferiores de existência."

Eu disse ao menino que desejava recitar um verso também, de forma que eu pudesse ter uma afinidade com este ensinamento em uma vida futura. Eu também lhe disse que embora estivesse apenas joeirando arroz ali por oito meses, jamais estive no salão, e que ele deveria mostrar onde o verso estava de forma que eu pudesse prestrar-lhe homenagem.

O menino me levou lá e lhe pedi para ler para mim, pois eu era analfabeto. Um oficial inferior do Distrito de Kong Shau chamado Chang Tat Yung e, que por acaso estava ali perto, leu para mim. Quando ele terminou de ler eu lhe disse que também tinha composto um verso, e ele pediu para escrevê-lo por mim. "Verdadeiramente extraordinário," ele exclamou "que tu também possas compor versos!"

"Não desprezes um iniciante," disse eu, "se tu fores um buscador da Suprema Iluminação. Tu deves saber que na mais baixa classe pode existir a mais aguda esperteza, enquanto na mais alta pode haver privação de inteligência. Se tu desdenhares outros, cometás um grande erro."

"Dite teus versos," ele disse "Eu irei escrever para ti. Mas não esqueças de me liberar, caso consigas alcançar o Dharma!"

Meu verso dizia:

Não há nenhuma árvore Bodhi,
Nem lugar para um espelho brilhante.
Uma vez que tudo é vazio,
Aonde irá a poeira se assentar?

Quando ele escreveu isto, todos os discípulos e outros que estavam presentes ficaram grandemente surpresos. Plenos de admiração, eles disseram uns para os outros, "Que maravilhoso! Sem dúvida nós não devemos julgar as pessoas pela aparência. Quem poderia dizer que por tanto tempo tivemos um Bodhisattva encarnado trabalhando para nós?"

Vendo que a multidão estava acabrunhada de pasmo, o Patriarca apagou os versos com seu sapato, para evitar que pessoas ciumentas pudessem me injuriar. Ele expressou a opinião, que todos aceitaram, que o autor destes versos ainda não tinha alcançado a Essência da Mente.

No dia seguinte o Patriarca veio secretamente o meu quarto onde o arroz era batido. Vendo que eu estava trabalhando lá com um pilão de pedra, ele disse para mim, "Um buscador do caminho arrisca sua vida pelo Dharma. Não deveria ele assim fazer?" Então perguntou, "O arroz está pronto?"

"Há muito tempo pronto," eu repliquei, "Apenas esperando para ser joeirado." Ele bateu no almofariz três vezes com seu bastão e partiu.

Sabendo o que essa mensagem significava, na terceira vigília da noite eu parti de meus aposentos. Usando um manto como uma cortina de forma que ninguém pudesse nos ver, ele declarou o Sutra do Diamante para mim. Quando ele chegou na sentença, "A pessoa deve usar a sua mente de tal forma que ela fique livre de qualquer apego (1)," eu imediatamente me tornei completamente iluminado, e percebi que todas as coisas no Universo são a Essência da Mente em si mesma.

"Quem poderia imaginar," eu disse ao Patriarca, "Que a Essência da Mente é intrinsecamente pura! Quem poderia imaginar que a Essência da Mente é intrinsecamente livre de surgimento ou aniquilação! Quem poderia imaginar que a Essência da Mente é intrinsecamente auto-suficiente! Quem poderia imaginar que a Essência da Mente é intrinsecamente livre de mudanças! Quem poderia imaginar que todas as coisas são a manifestação da Essência da Mente!"

Sabendo que eu tinha compreendido a Essência da Mente, o Patriarca disse, "Para aquele que não conhece sua própria mente, não há utilidade em aprender o Budismo. Por outro lado se a pessoa conhece sua própria mente e vê intuitivamente sua própria natureza, ela será um herói, um professor dos deuses e homens, 'Buddha'."

Assim, sem o conhecimento de ninguém, o Dharma foi transmitido para mim à meia-noite, e conseqüentemente me tornei o herdeiro dos ensinamentos da Escola Súbita assim como do manto e da tigela de esmolar.

"Vós sois agora o Sexto Patriarca," ele disse. "Tenhais cuidado, e libertais tantos seres sencientes quanto for possível. Divulgais e preservais o ensinamento, e não deixais que ele desapareça. Tomai nota de meus versos":

Seres sencientes que semeiam as sementes do Esclarecimento
No campo das causas materiais irão colher os frutos da Natureza Búdhdica.
Objetos inanimados, vazios da natureza de Buddha,
Nada semeiam e nada colhem.

Depois ele disse, "Quando o Patriarca Bodhidharma pela primeira vez chegou à China, a maioria dos chineses não tinham confiança nele, assim o seu manto foi passado como um testemunho de um Patriarca para outro. Quanto ao Dharma, este é transmitido de coração para coração, e o recebedor deve percebê-lo pelos seus próprios esforços. Desde tempos imemoriais esta têm sido a prática para que um Buddha passe ao seu sucessor a quintessência do Dharma, e para que um Patriarca transmita para outro os ensinamentos místicos de coração para coração. Como o manto pode dar causa para disputas, tu serás o último a herdá-lo. Se tu fosses passá-lo para teu sucessor, tua vida ficaria em perigo iminente. Agora parta deste lugar tão rápido quanto puderes, pois alguém pode querer fazer-te mal."

"Para onde deverei ir?" eu perguntei.

"Em Huai tu deves parar e em Hui encontrarás segurança," ele replicou.

Após receber o manto e a tigela de esmolar no meio da noite, eu disse ao Patriarca que sendo um homem do sul, não conhecia as trilhas na montanha, e que era impossível para mim atingir a boca do Rio (para pegar um bote). "Tu não precisas te preocupar," ele disse. "Eu irei contigo."

Ele então me acompanhou até Kuikiang, e lá me conseguiu um bote. Enquanto ele mesmo conduzia o bote, eu lhe pedi para sentar e deixar que eu tomasse o remo. "É meu direito atravessá-lo," ele disse, *(uma alusão ao oceano de vida e morte que uma pessoa tem que atravessar antes que a margem do Nirvana possa ser atingida)*.

Então eu respondi, "Enquanto eu estava sob a Ilusão, vós iríeis me atravessar; mas após o Esclarecimento, eu deveria atravessar por mim mesmo (embora o termo 'atravessar' seja o mesmo, foi usado diferentemente em cada caso). Devido ao fato de ter nascido na fronteira, mesmo a minha fala é incorreta na pronúncia, (mas a despeito disso) eu tive a honra de herdar o Dharma de vós. Desde que agora eu estou iluminado, é apenas o meu direito atravessar o oceano de nascimento e morte por mim mesmo através da realização de minha própria Essência da Mente."

"Certamente, certamente," ele concordou. "Começando contigo, o Budismo (significando a escola Dhyana) irá se tornar muito popular. Três anos após o seu afastamento de mim eu deverei partir deste mundo. Deves começar a jornada agora. Vá tão rápido quanto fores capaz em direção ao sul. Não inicie a pregação muito cedo, pois o Budismo (da Escola Dhyana) não está muito difundido."

Após dizer adeus, eu o deixei e caminhei em direção ao sul. Em cerca de dois meses, alcancei a montanha Tai Yu. Lá percebi que várias centenas de homens estavam em meu encalço com a intenção de me roubar o manto e a tigela.

Entre eles que estava um monge chamado Wei Ming cujo sobrenome leigo era Chen. Ele foi um general do quarto escalão em sua vida mundana. Seus modos eram rudes e seu temperamento agressivo. De todos os perseguidores, ele era o mais vigilante na busca por mim. Quando ele estava a ponto de me alcançar, eu joguei o manto e a tigela sobre uma rocha, dizendo, "Este manto não é nada além de um símbolo. Qual o sentido de tomá-lo pela força?" (então eu me escondi).

Quando ele chegou à rocha, tentou pegar os objetos, mas descobriu que não podia. Então ele gritou, "Eh, irmão leigo, irmão leigo, (pois o Patriarca ainda não tinha sido formalmente incluído na Ordem) eu vim pelo Dharma, não pelo roubo."

Neste momento eu saí do meu esconderijo e me sentei sobre a rocha. Ele me fez uma reverência e disse "Irmão leigo, pregue para mim, por favor."

"Uma vez que o objeto de sua vinda seja o Dharma," eu disse, "refreie seu pensamento de qualquer outra coisa e mantenha sua mente em branco. Eu irei pregar para você." Quando ele tinha agido dessa forma por um tempo considerável, eu disse "Quando tu estás pensando nem em algo bom nem em algo ruim, qual é, neste momento particular, venerável senhor, tua verdadeira natureza (literalmente, Face Original)?"

Tão logo ele ouviu isso imediatamente se tornou esclarecido. Mas ele ainda disse, "Apesar destes ditos esotéricos e destas idéias esotéricas transmitidas pelos Patriarcas de geração a geração, há algum outro ensinamento místico?"

"O que posso te ensinar não é esotérico," eu repliquei. "Se tu direcionares tua Luz para dentro, (2) tu irás encontrar o que é místico dentro de ti."

"A despeito de minha estada em Wong Mui," disse ele, " eu não fui capaz de realizar a minha verdadeira natureza. Agora, graças à sua orientação, percebo isto tanto quanto um bebedor sabe quão quente ou quão fria a água está. Irmão leigo, vós sois agora meu professor."

Eu lhe expliquei, "Se assim é então tu e eu somos companheiros discípulos do Quinto Patriarca. Cuide-se bem."

Respondendo a sua questão de para onde ele deveria ir a partir de agora, eu lhe disse para parar em Yuen e fixar residência em Mong. Ele me prestou homenagem e partiu.

Algum tempo depois alcancei Tso Kai. Lá os malfeitores novamente me perseguiram e eu tive que buscar refúgio em Sze Wui, onde permaneci com um grupo de caçadores por um período tão longo quanto 15 anos.

Ocasionalmente eu preguei para eles de uma forma que se adequasse ao seu entendimento. Eles costumavam me levar para vigiar suas armadilhas, mas sempre que eu encontrava criaturas vivas nelas as deixava livres. Na hora da comida eu colocava vegetais na panela onde eles cozinhavam sua carne. Alguns deles me questionaram, e eu expliquei que deveriam comer apenas vegetais, após terem cozinhando a sua carne.

Um dia cheguei à conclusão que não deveria passar uma vida reclusa todo o tempo, e que já era tempo para que eu fosse propagar a Lei. Conseqüentemente eu parti e fui para o templo Fat Shing em Cantão.

Naquele tempo Bhikku Yen Chung, mestre do Dharma, estava dando uma palestra sobre o Maha Parinirvana Sutra no Templo. Aconteceu que um dia, quando uma bandeira estava se movendo ao sabor dos ventos, dois Bhikkus entraram em debate sobre o que estava realmente se movendo, o vento ou a bandeira. Como eles não conseguiram chegar a um acordo eu lhes declarei que nem uma nem outra coisa se movia, o que realmente estava em movimento eram as suas próprias mentes. Toda a assembléia ficou surpresa com o que eu disse, e o Bhikkhu Yen Chung me convidou para tomar um assento de honra e me questionou sobre vários pontos fundamentais dos sutras.

Vendo que minhas respostas eram precisas e acuradas, e que elas mostravam algo mais do que apenas um conhecimento de livros, ele disse para mim "Irmão leigo, tu deves ser um homem extraordinário. Me disseram muito tempo atrás que o herdeiro do manto e do Dharma pertencentes ao Quinto Patriarca tinha vindo para o sul. Muito provavelmente tu és este homem."

A isto eu assenti polidamente. Ele imediatamente me fez reverência e me pediu para mostrar à assembléia o manto e a tigela de esmolar que eu tinha herdado.

Ele posteriormente me perguntou quais foram as instruções que eu tive quando Quinto Patriarca me transmitiu o Dharma. "Afora um comentário sobre a realização da Essência da Mente," eu repliquei, "Ele não me deu nenhuma outra instrução, ou se referiu ao Dhyana e à Emancipação."

"Por que não?" ele perguntou.

"Por que tais coisas poderiam ter duplo significado," eu repliquei. "E não pode haver dois caminhos no Budismo. Há apenas um único."

Ele me perguntou qual era o único caminho. Eu respondi, "No Maha Parinirvana Sutra que vós expusestes está dito que a natureza de Buddha é o único caminho. Por exemplo, no Sutra King Ko Kwei Tak, um Bodhisattva perguntou ao Buddha se aqueles que cometeram os quatro paragika (atos de sério erro de conduta), ou os 5 terríveis deméritos (3), e aqueles que são icchantika (hereges), etc., podiam ou não erradicar seus 'Elementos de Bondade' e sua Natureza Búdhdica. Buddha respondeu, 'Há duas espécies de 'Elemento de Bondade', a eterna e a não eterna.' Desde que a Natureza Búdhdica não é nem eterna em não-eterna, portanto os seus elementos de bondade não são erradicados. Agora, o Budismo é conhecido como não possuidor de dois caminhos. Há bons caminhos e maus caminhos, mas desde que a natureza de Buddha não é nem uma coisa nem outra, portanto o Budismo é conhecido como não tendo dois caminhos. Do ponto de vista das pessoas comuns, as partes constituintes de uma personalidade (skhandhas) e os fatores de coincidência (Dhatus) são duas coisas separadas; mas o homem iluminado compreende que elas não são duais em natureza. A Natureza de Buddha é a Não Dualidade."

Bhikku Yen Chung ficou altamente satisfeito com a minha resposta. Colocando suas duas palmas juntas num sinal de respeito, ele disse "Minha interpretação do Sutra é sem valor

como um punhado de pano, enquanto vosso discurso é tão valioso quanto ouro genuíno." Subseqüentemente ele conduziu a Cerimônia de Corte de Cabelo para mim (isto é, a cerimônia de iniciação à Ordem) e me pediu para aceitá-lo como seu discípulo.

Deste momento em diante, sob a árvore de Bodhi eu preguei os ensinamentos da escola Tung Shan (Escola do Quarto e Quinto Patriarcas, que viveram em Tung Shan).

Desde a época quando Dharma foi transmitido para mim em Tung Shan, passei por muitas privações e minha vida freqüentemente pareceu estar à beira de seu limite. Hoje, eu tenho a honra de encontrar-vos nessa assembléia, e eu devo considerar isso como sendo o sinal de nossa boa conexão em Kalpas (Ciclos de Existência) anteriores, assim como ao nosso mérito acumulado em fazer oferenda aos vários Buddhas em nossas existências passadas; não fosse assim, nós não teríamos a chance de ouvir tal ensinamento da escola 'súbita', e portanto assentar as fundações do nosso sucesso futuro na compreensão do Dharma.

Este ensinamento foi transmitido pelos Patriarcas passados. Ele não é um sistema de minha invenção. Aqueles que desejam ouvir os ensinamentos devem primeiro purificar sua própria mente, e depois de ouvir tais palavras eles irão esclarecer suas próprias dúvidas do mesmo modo que os sábios fizeram no passado."

Ao final destas palavras, a assembléia se sentiu rejubilada, fez uma reverência e partiu.

(1) Nota do Mestre Dhyana On:

"Ser livre de qualquer apego' significa não se prender a forma ou matéria, não se prender ao som, não se prender na delusão, não se prender ao esclarecimento, não se prender na quintessência, não se prender no atributo. 'Usar a mente' significa permitir a 'Mente Una' (i.e., a Mente Universal) manifeste a si mesma em todo lugar. Quando permitimos nossa mente habitar na piedade ou no mal, a piedade ou o mal manifestar-se-ão, mas nossa Essência da Mente (ou Mente Primordial) será entretanto obscurecida. Mas quando nossa mente habita no nada, percebemos que todos os mundos nas dez direções são nada mais do que a manifestação da 'Mente Una'."

"O comentário acima é o mais acurado e vai direto ao ponto. Eruditos Budistas Escolásticos jamais poderão dar uma explicação mais satisfatória do que esta. Por esta razão os Mestres Dhyana (o Professor Nacional On sendo um deles) são superiores aos assim chamados Expositores das Escrituras."

Dih Ping Tsze.

- (2) O mais importante ponto no ensinamento da Escola Dhyana está na "Introspecção" ou "Introversão", que significa virar o foco da nossa própria "Luz" para dentro. Como ilustração, deixe-nos tomar a analogia de uma lâmpada. Sabemos que a luz de uma lâmpada, quando rodeada por sombra, irá refletir internamente sua radiância, centrando-se em si mesma; enquanto que a luz de uma chama irá difundir e brilhar para fora. Agora quando estamos mergulhados em críticas aos outros, como nosso hábito, dificilmente direcionamos nossos pensamentos para nós mesmos e portanto sabemos escassamente sobre nós mesmos.

Contrariamente a isso, os seguidores da Escola Dhyana voltam sua atenção completamente para dentro e refletem exclusivamente sobre sua " verdadeira natureza", conhecida em Chinês como "Face Original".

Para que nossos leitores não deixem de atentar para esta importante passagem, que seja notado que apenas na China milhares de Budistas tem atingido o esclarecimento por agir a partir deste sábio comentário do Sexto Patriarca.

Dih Ping Tsze.

- (3) Patricídio, Matricídio, Provocar a discórdia em um Sangha, Matar um Arahant e Causar Derramamento de Sangue no corpo de um Buddha.